

Apresentação

Conceber a paisagem na perspectiva da construção de conceitos e métodos é pensá-la como um referencial geohistórico e uma forma de leitura do mundo, ou seja, trata-se de uma elaboração e expressão humana praticada e incorporada no senso comum da maioria das pessoas. Como tema de interesse científico percebe-se que a paisagem é um referencial construído na modernidade, mesmo que nas artes seja uma expressão recorrente desde a Antiguidade, tanto nas expressões do mundo oriental quanto ocidental.

Assim, o leitor ou a leitora que se aventura a ler estas primeiras linhas buscando saber quais os enfoques propostos na obra e que queira associar os seus interesses pelo tema, perceberá que a paisagem aqui é concebida como um mosaico, com formas e cores muitas vezes de uma combinação singular e que nos marca ou nos remete a sensações que se situam em tempos diversos. Neste mosaico podem-se incorporar, também, sons, odores, dinâmicas, estruturas, funcionamentos, etc., que passam a ser composições de interesse da arte, cultura e ciência, mas também como a expressão individual e coletiva de estar e ser no mundo.

Nesta obra você encontrará referências de como na ciência a concepção de paisagem tem se diferenciado no tempo, como uma imagem que expressa os aspectos subjetivos da natureza e da vida cotidiana da(s) sociedade(s) humana(s). Como uma porção da superfície terrestre em seu conjunto possui muitas vezes um significado objetivo, que revela as heterogeneidades e as homogeneidades complexas das formas e do seu entrelaçamento com as ações de apropriação e transformação pela(s) sociedade(s) humana(s).

No que se refere ao potencial metodológico para a elaboração de diagnósticos ambientais encontram-se estudos que buscam entender as diferentes relações entre a natureza e a sociedade, assim como o indivíduo no decorrer dos tempos e em diferentes lugares. Procura-se entender as modificações na paisagem como uma espiral, onde as várias formas de interpretação e de investigação se inter-relacionam. Há ensaios em que se ultrapassa uma tendência muito forte de se pensar a paisagem a partir do que se vê e, automaticamente, descrever o que a visão alcança sem se fazer relações entre os elementos que a compõem, num dado momento.

Assim, ela é estudada como sendo composta pelo espaço natural e o construído pela ação humana em um cenário único e em processo de constante

transformação. Com a integração das dinâmicas naturais e sociais, originando ambientes diferenciados que podem ser observados em diferentes escalas de abordagem ao longo de tempo. Analisam-se os diferentes aspectos da organização do espaço que constituem os quadros naturais aos quais os humanos imprimem transformações, segundo o grau de tecnologia alcançado e os valores atribuídos a eles. Deste modo, há autores que se propõem a estudar a paisagem como um sistema aberto, influenciada não só pela escala de observação, mas também pelo entendimento dos processos de transformação da natureza no contexto das relações socioeconômicas ao longo do tempo.

Nessa obra o leitor e a leitora encontrarão subsídios para a elaboração de métodos para identificar as áreas de importância ecológica e o patrimônio sociocultural. Exploram-se as perspectivas e as percepções das comunidades locais quanto a uma melhor qualidade de vida, após a implantação da unidade de conservação. Verifica-se ainda, por exemplo, que os maiores desafios de conceber as áreas protegidas são: a preservação dos processos que geram e mantêm a biodiversidade que ali se quer conservar; a dificuldade para a implementação efetiva da unidade de conservação e a gestão das áreas já estabelecidas; a criação de restrições de uso sem explicações e compensações; o não reconhecimento de conflitos sociais e culturais causados pela instauração de espaços especialmente protegidos.

Neste sentido, considera-se que estudar a relação natureza e sociedade na perspectiva da análise da paisagem é possível compreender, em parte, a complexidade do espaço geográfico em um determinado momento. Entende-se a paisagem como resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza. Estudá-la mostra a história da população de um determinado lugar e a necessidade de sempre estar sendo discutida e registrada.

Quando se trata de estabelecer indicadores de percepção da paisagem, no que se refere à instalação de novos elementos incorporados socialmente a ela, verifica-se que a categoria paisagem é reconhecida por todos, independente de escolaridade, atividade, idade e renda, sendo mais evidente o aspecto estético, como também o patrimônio histórico. Revelam-se as paisagens consideradas não transformadas como aquelas já modificadas pelas atividades humanas, e que, ao se introduzir novos elementos nelas, há o reconhecimento por parte das pessoas das mudanças nas suas formas e funcionalidades.

Na perspectiva do planejamento e da valorização do patrimônio rural e urbano, propõem-se reflexões teórico-metodológicas de como é possível ler as marcas territoriais de diferentes tempos e espaços a partir da percepção da paisagem como indicadora dessas transformações. Verifica-se que a paisagem possui uma apropriação conceitual que perpassa, ao mesmo tempo, pelas ações simbólicas e concretas, a partir de uma elaboração ideológica de cunho

estético de um lado e de outro uma estratégia de organização espacial no espaço urbano. Demonstra-se o quanto é necessário apreender as diferentes percepções, as valorações, os imaginários e as significações que ligam o sujeito ou o coletivo à dinâmica e apropriação espacial. Revela-se que são nas paisagens que construímos um espaço para ser observado, como também se observar através delas. Assim, cada sociedade constrói seus significados simbólicos de suas paisagens, indicando a forma como (se) percebem (n)o mundo.

Nas áreas urbanas, especificamente em relação aos elementos da natureza, pode-se apreender como a percepção destes elementos na paisagem tende a ser mais intuitiva e/ou subjetiva. Por exemplo, a partir da premissa de que as paisagens urbanas se formam a partir das relações entre as pessoas, pode-se afirmar que elas são culturais, transformando-se no tempo e no espaço. Essa transformação tende, em muitos casos, a não levar em consideração a relação homem/natureza. Nas periferias das cidades a expansão urbana se dá, em grande parte, em áreas impróprias, tendo-se como consequência inúmeros problemas ao meio e à população assentada. Por outro lado, ao se reconhecer a paisagem como a vivência cotidiana da interação dos vários sentidos e do conjunto de sensações e percepções, novas identidades de sentir emergem. Quando se coadunam aspectos biológicos com a dinâmica implícita dos elementos abióticos, que coabitam e são apropriados historicamente pela presença humana, pode-se conceber que há uma unidade de paisagem que se estabelece.

Assim a paisagem e suas representações a partir de produtos estéticos e culturais apresentam-se como expressões humanas diversas, na literatura, nas artes visuais e na música. A produção de significados das práticas humanas revela-se pelas diversas linguagens que podem decodificar estes significados, por meio da interpretação. Assim, o ordenamento territorial, que deve ser operado com outros conceitos geográficos, tais como território, lugar e região, é capaz de revelar tanto os aspectos subjetivos como objetivos expressos nas paisagens. Revelam-se como estas múltiplas dimensões dos significados possibilitam a aplicação de metodologias que evitem cristalizar a realidade urbana e rural durante o processo de conservação dos valores ambientais e culturais. A reconstrução de realidades passadas pela paisagem busca de certa forma materializar a memória, lembrar acontecimentos, reviver lugares, compartilhar com personagens de tempos vividos. No entanto, a velocidade de transformação das paisagens altera substancialmente sua leitura por parte das pessoas do lugar, podendo provocar perdas de continuidade histórica e geográfica. Perdas que revelam a criação permanente de novas paisagens e a necessidade de conservação daquelas que possuem uma forte carga simbólica às pessoas.

Ao desejar uma ótima leitura e a eterna reconstrução do que seja a paisagem, sugere-se caminhar por cada texto como um caminho que se interliga no espaço geográfico e que se faz e se refaz em tempos distintos, mesclando novos desejos e interesses que não se cristalizam no tempo... se refazem.

ROBERTO VERDUM